



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

EDUARDA PEREIRA DO NASCIMENTO

**AUTISMO E AFETIVIDADE: IMPLICAÇÕES DA DINÂMICA
FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA**

Orientador(a): Prof^a Márcia Paiva de Oliveira

JOÃO PESSOA
2016

EDUARDA PEREIRA DO NASCIMENTO

AUTISMO E AFETIVIDADE: IMPLICAÇÕES DA DINÂMICA FAMILIAR NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA

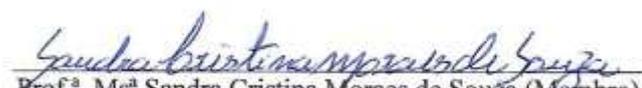
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof.^a Ms^a Márcia Paiva de Oliveira

Aprovado em: 24/11/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Ms^a Márcia Paiva de Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba


Prof.^a Ms^a Sandra Cristina Moraes de Souza (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

AUTISMO E AFETIVIDADE:IMPLICAÇÕES DA DINÂMICA FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO CRIANÇA AUTISTA

RESUMO

O presente trabalho refere-se ao autismo e afetividade: implicações da dinâmica familiar na criança autista . O interesse em desenvolver uma pesquisa sobre o tema em foco se justifica pelo fato de o autismo ser um campo de estudos em ascensão, e ainda carente de literaturas que possibilitem diferentes contribuições teóricas e prático-metodológicas. O objetivo deste trabalho foi analisar a socialização do autista com base (a partir) da afetividade da dinâmica familiar. Foi feita uma pesquisa de campo, com a participação de seis pessoas, o instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista semiestruturado, além de um questionário sócio demográfico para caracterizar a amostra. Os resultados obtidos foram que a maioria das participantes são inseguras com relação ao filho, buscam criar estratégias de afetividade para ampliar a relação mãe e filho, foi observado que utilizando estratégias afetivas houve melhoras na linguagem e no comportamento social do filho, corroborando com autores que estudam sobre o tema. A pesquisa alcançou seus objetivos.

Palavras-chave: Autismo. Dinâmica familiar. Afetividade.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo está centrado na conexão afetiva entre filhos autistas e seus pais, pois a família é a primeira instituição responsável pela inserção dos filhos no meio social, uma vez que é através dela que são transmitidas noções de valores, crenças e padrões comportamentais que regem a convivência intergrupala, dentro e fora do sistema familiar, moldando até certo ponto, a formação destes sujeitos em desenvolvimento. Propondo interações estão expressas diferentes tipos de emoções, variando desde o afeto até a indiferença nos contextos das relações. No caso de pessoas com o Transtorno do Espectro Autista, ou simplesmente TEA, observa-se uma dificuldade ou ausência de interação social e compartilhamento de emoções, onde o componente da afetividade mostra-se prejudicado, tendo em vista o déficit que eles têm na compreensão dos sinais da comunicação (FACION, 2005).

Para os pais, além das mudanças e responsabilidades exigidas após o nascimento de um filho, lidar com a realidade de este ser um autista requer um esforço muito maior, tendo em vista o fato de que “a existência de uma criança com problema representa uma ruptura para os pais” (POLITY, 2004, p. 102). Esse processo envolve uma quebra de expectativas pelos progenitores, e impõe a necessidade de o grupo buscar novas formas de aprendizagem, a começar pela interação sócio afetiva que representa uma das principais limitações observadas no comportamento do autista, e afeta consideravelmente o equilíbrio das relações internas e externas mantidas pelo sistema. Assim, diante deste quadro, questiona-se: Quais são as implicações da dinâmica familiar na socialização da criança autista?

O interesse em desenvolver uma pesquisa sobre o tema em foco se justifica pelo fato de o autismo ser um campo de estudos em ascensão. Além disso, observa-se que tais resultados serão usados em favor de um melhor tratamento oferecido por especialistas e educadores, possibilitando às famílias e aos autistas a vivência de um efetivo processo de inclusão social e, conseqüentemente, uma elevação em sua qualidade de vida.

Na perspectiva de uma prática profissional psicopedagoga voltada ao universo autista, considera-se que a presente pesquisa mostra-se relevante em todos os níveis da Psicopedagogia, técnicos, lógicos e práticos: primeiramente fortalecerá os referenciais teóricos da área, abrindo espaço para outras produções; como consequência disso, os profissionais poderão ter outros subsídios para realizar uma avaliação mais completa e uma

intervenção coerente com os dados coletados. Na sequência possibilitará ampliação na perspectiva metodológica e práticas.

Com base na problemática apresentada, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a socialização do autista com base (a partir) da afetividade da dinâmica familiar. Para responder aos questionamentos, elenca-se: (1) Verificar a concepção deles sobre autismo e afetividade, (2) Conhecer quais são as estratégias específicas utilizadas pelos progenitores para o desenvolvimento afetivo do autista e (3) Identificar quais comportamentos são manifestados pelos autistas em face desses estímulos oferecidos pelos pais ou responsáveis.

2 SINDROME DO ESPECTRO AUTISTA

2.1 CONCEITO E HISTORICIDADE

A origem do termo autismo é grega e provém da palavra *autos* que significa *de si mesmo*. Essa atribuição de significado, embora pareça simples resume basicamente a ideia que o problema representa para estudiosos e familiares. Assim, ao partir dessa premissa, considera-se que o autismo abrange um sentido amplo, o qual é caracterizado como uma síndrome de natureza clínica que provoca déficits significativos nas interações sociais, na comunicação e no comportamento como um todo que, geralmente se apresenta de maneira descomunal e repetitiva, com traços estereotipados (BRITO; VASCONCELOS, 2011).

A literatura especializada, como a CID-10 (2008) e o DSM-5 (2013) apontam para uma grande variedade de sintomas e níveis de mensuração, que vai desde o grau leve até o profundo, cuja manifestação começa antes dos 3 anos de idade. Os três grupos de características anteriormente citadas são os principais indicadores para o diagnóstico de autismo, pois sintetizam as recentes pesquisas e observações de clínicos da área.

No que se refere às dificuldades na interação social, as crianças e adolescentes com TEA não se dispõem a estabelecer contato visual com o interlocutor, não conseguem se ativer às expressões faciais, como, por exemplo, compreender as alterações de humor da pessoa, e nem às figuras de linguagem e demais símbolos linguísticos empregados nas trocas com o outro. Esse comportamento social considerado impróprio é percebido em primeira instância nas relações familiares, principalmente no que se refere aos vínculos afetivos entre pais e filhos autistas, o qual não reage aos estímulos dos pais e demais familiares, tais como no momento em que eles estendem os braços, o chamam pelo nome ou procuram fazer algum tipo de carinho no filho (BRITO; VASCONCELOS, 2011).

Essa dificuldade que o autista expressa em suas relações interpessoais, na verdade, não quer dizer que ele não sinta desejo ou não seja capaz de estabelecer um vínculo social, mas sim que não consegue assimilar e acomodar os diferentes tipos de informações que chega até ele (DUMAS, 2011). Como se sabe, num contexto de interação os participantes precisam estar atentos aos sinais expressivos, à entonação da voz de quem fala, aos recursos gestais que são utilizados, aos múltiplos sentidos de uma palavra ou expressão, etc. Todos esses aspectos concorrem para o estabelecimento de uma interação recíproca e para a sua manutenção.

Nó tópico referente à comunicação, o qual anda lado a lado com a interação, percebe-se que os autistas não conseguem se comunicar de maneira eficiente, tanto a nível verbal como não-verbal. As crianças, geralmente, costumam sofrer com atrasos na linguagem ou esta tende a regredir com o passar dos anos, o que impedem eles de se comunicar com seus pais de maneira usual ou de responder às expectativas do outro numa troca comunicativa. Sua linguagem é ecológica, ou seja, repetitiva, descontextualizada e carente de significados (BRITO; VASCONCELOS, 2011).

2.2 CARACTERÍSTICAS

Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), Segundo José e Coelho (2002 , p. 170), este transtorno:

Caracteriza – se por uma interiorização intensa – uma espécie de fechamento sobre si mesmo – e por um pensamento desligado do real. A incapacidade de se relacionar normalmente com pessoas e situações pode aparecer desde os primeiros tempos de vida e constitui o principal sintoma dessa perturbação que faz a criança viver num mundo todo particular.

Algumas características são peculiares aos autistas (SCHWARTZMAN ,1995, p.38):

Solidão em grau extremo e evidente mais tenra idade; fascinação por objetos (liquidificador, aspirador de pó, enceradeira), em contraste com o desinteresse por pessoas; ausência de sorriso social; parece não reconhecer membros de sua família e não se empenha em atividades lúdicas sociais; não liga para barulhos a sua volta; arruma seus brinquedos sempre da mesma forma; demonstra pouca sensibilidade sensorial; falta de consciência de sua identidade e agressão auto-dirigida; não mantém contato visual com as pessoas entre outras.

Quanto mais cedo se identificar o autismo, mais eficaz será o tratamento, e em alguns casos o seu melhor desenvolvimento das fragilidades provenientes do transtorno.

3 FAMÍLIAS DE CRIANÇAS AUTISTAS

3.1 CONCEITUANDO A FAMÍLIA

Antigamente, as famílias eram marcadas pela dependência da mulher e dos filhos com o chefe da família, o *pater familias*, cujo dever de manutenção e sustento da família era exclusivamente exercido pelo pai, ficando a mãe com o dever de criar e educar os filhos, cuidando apenas da casa, sem poder trabalhar. Só que inúmeras transformações foram ocorrendo ao longo dos tempos, os direitos e deveres entre o homem e a mulher passaram a ser exercidos igualmente, acabando com o poder marital e com a restrição dada a mulher de apenas exercer as tarefas domésticas e de procriação.

A família já não passou mais a ser composta apenas pelas figuras do pai, da mãe e crianças nascidas biologicamente um do outro, sendo hoje proibida qualquer discriminação relativa à filiação, além do que o casamento já não passou a ser a única forma de arranjo familiar, surgindo outras formas das pessoas conviverem umas com as outras, como a união estável e a relação homoafetiva.

3.2 IMPACTOS DA ACEITAÇÃO

As transformações econômicas e sociais que a nossa sociedade vem produzindo e assistindo nas últimas décadas deram lugar a novas formas de se pensar a família, inclusive quando se percebe a necessidade de usar este termo na forma pluralizada, apontando para a variedade de arranjos e de relacionamentos que compõem os núcleos familiares (ARMANI; TRONCO; WAGNER, 2011). Tais mudanças não estão mais em acordo com o modelo patriarcal e hierarquizado que compunha as relações passadas e, por isso, vem provocando novas posturas e redefinições de papéis, onde a figura paterna e a materna são peças-chave nesse processo rumo a aprendizagem e desenvolvimento do grupo.

Assim, diante dessas modificações, a pergunta que fica para os membros da família é sobre como funcionar individual e coletivamente nesse espaço que se apresenta como novo, mas necessário para a interação e a evolução das gerações presentes e das que se seguirão. A

nossa sociedade ainda está assimilando essa transição e, com isso, a preocupação gira em torno da perda de referenciais pelos quais a família tradicional sempre prezou como justificativa de ordem e equilíbrio social.

Para compreender o que está acontecendo atualmente, é preciso saber a diferença entre configuração e estrutura familiar. A primeira, diz respeito aos integrantes que formam o núcleo familiar, até pouco tempo definida como o espaço em que convivem pai, mãe e filhos (ARMANI; TRONCO; WAGNER, 2011). Hoje em dia, essa configuração sofreu perdas e acréscimos, apresentando, pois uma nova ideia de parentalidade, que abarca tanto os membros biologicamente semelhantes quanto aqueles que foram introduzidos por meio de vínculos afetivos e sociais.

Já a estrutura familiar é definida como o contexto das relações entre os integrantes da família, no qual se desenrolam regras de convivência, papéis individuais e coletivos, comportamentos éticos e afetivos, objetivos em comum e métodos de como alcançá-los. É interessante notar que independentemente da organização de uma família podemos ter modos de funcionar diferentes. Por exemplo, duas famílias que possuem o mesmo arranjo, ainda que convivam no mesmo local irão apresentar estilos de funcionamento diferentes, tendo em vista que a história de vida de cada um e o modo de como operam nela é singular.

Nessa empreitada, os pais que sempre foram vistos num patamar acima dos filhos estão confusos e comumente se sentem inertes frente aos desafios que se apresentam no cotidiano de suas famílias. Essa instabilidade é fruto das mudanças de papéis pela quais estão tendo de passar para se adequar às novas exigências do ciclo de vida familiar. Como se sabe essa acomodação de novos elementos aos papéis existentes requer primeiramente que o indivíduo reflita sobre a sua condição enquanto pai/mãe, filho/filha e profissional para ter consciência do que precisa ser melhorado e do que deve permanecer (OSÓRIO, 2002).

A relação pai/filho é bastante peculiar dentro do sistema que compreende a família, isso porque os pais são os responsáveis diretamente por introduzir os filhos no meio social e por oferecer os primeiros instrumentos sobre os quais eles irão operar para fazer suas próprias descobertas e construir uma aprendizagem significativa e autônoma. Nesse processo, Fernández (1990) fala da importância do modo de ensinar imprimido na relação com o outro que ao ser submetido às experiências do saber constrói o seu estilo de aprendizagem, o que lhe permite ter uma capacidade única de se aproximar dos objetos do conhecimento e interagir com o mediador numa mútua colaboração.

Assim, na convivência familiar, apesar das mudanças já ocorridas e das que estão por vir, os pais continuam a desempenhar papéis centralizadores na dinâmica do grupo, embora

precisem mudar suas formas de relacionamento para atender ao modo particular de pensar e agir dos seus parentes, conforme os tempos em que eles se encontram. Quando a família se vê diante de um acontecimento imprevisível, como o nascimento de um filho com deficiência é comum que haja um desequilíbrio em sua estrutura alterando, pois, a rotina de seus integrantes.

Esta fase é marcada por vários acontecimentos, dos quais se destacam o luto e a aceitação. No primeiro momento, os pais têm de lidar com a perda do padrão idealizado de filho para interagir com a realidade e assimilar os pontos positivos e negativos que tal experiência irá lhes proporcionar. Em muitos casos, é necessário o acompanhamento terapêutico para os membros que foram afetados e o apoio de outros grupos que já passaram por situações semelhantes para compartilhar suas impressões e aprendizagens.

Após passar pela fase de aceitação, a família enfrenta o processo de readaptação de seu funcionamento, buscando estratégias para atender as necessidades inerentes da criança com deficiência. Esse período pode durar toda uma vida e exige que a família esteja aberta para abrigar novas formas de relacionamentos, papéis e rotinas, na perspectiva de promover a inclusão social do sujeito e retomar o ciclo de vida deste sistema.

3.3 A INTERVENÇÃO FAMILIAR

De acordo com Chechia e Andrade (2003), a influência da família em relação à aprendizagem de seus filhos pode ser vista sob cinco perspectivas diferentes. A primeira diz respeito à classe social dos pais e o desempenho escolar dos filhos, indicando que o analfabetismo ou o pouco conhecimento dos familiares dificulta a ajuda nas tarefas de casa. A segunda análise aborda os diferentes graus de interesse da família em relação à escola de seus filhos.

Já o terceiro ponto elencado pelos autores se refere à participação dos pais na escola, indicando que a presença de familiares na vida escolar de seus filhos constitui um fator indispensável para o seu bom desempenho escolar. O quarto ponto revela que é a mãe que, com maior frequência, acompanha as atividades escolares dos filhos. E a quinta e última análise enfatiza a importância dos pais especificamente em relação ao sucesso ou insucesso escolar dos filhos, mostrando que se fossem mais bem orientados sobre as atividades e obrigações escolares dos alunos, haveria maiores avanços por parte deste. Além de tudo isso também, se mostra necessária a capacidade que a escola precisa apresentar, mediante os pais, que é justamente a criação de vínculos entre educação e humanização. Consideramos de

grande valor os pais posicionarem-se ao alcance de seus filhos, revelando com sinceridade que também tiveram dificuldades no aprendizado de certas matérias, e que dúvidas e inseguranças são comuns na vida de qualquer aluno.

Todo ser humano consegue aprender. A não aprendizagem está relacionada não a incapacidade do indivíduo, mas sim a múltiplos fatores. O educando constrói-se a partir das relações entre um mundo externo, estruturado pela cultura e pelas condições históricas, e por um mundo interno, não somente no aspecto cognitivo, mas afetivo, que envolve desejos, pulsões, sentimentos e emoções, portanto, é extremamente importante aproveitar essas relações.

A escola se entupiu do formalismo da racionalidade e cindiu-se em modalidade de ensino, tipos de serviço, grades, burocracia. Uma ruptura de base em sua estrutura organizacional, como propõe a inclusão, é uma saída para que a escola possa fluir, novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam (MANTOAN, 1991).

A aprendizagem é um processo e este não pode ser resumido apenas a aprendizagem escolar, pois é um processo constante que perdura por toda a vida do indivíduo, permitindo-lhe compreender, relacionar, interagir com o coletivo, fazer as diferenciações e a transformar a sua realidade. Sendo necessário, para tanto, o uso da inteligência, dos desejos, das necessidades e das conexões estabelecidas.

É importante destacar que não se pode restringir o processo da aprendizagem apenas ao cognitivo, uma vez que está voltada para o desenvolvimento pleno do ser, assim sendo é necessário pensar a aprendizagem nos aspectos do desenvolvimento cognitivo, psicológico, físico, social e espiritual, visando o seu sentido holístico.

Conforme Rego (2000, p.15) o desenvolvimento humano está intimamente relacionado ao contexto sociocultural em que a pessoa se insere e se processa de forma dinâmica (e dialética) através de rupturas e desequilíbrios provocados de contínuas reorganizações por parte do indivíduo. Diante deste entendimento sobre a aprendizagem, percebe-se a importância de observar o indivíduo no seu contexto social, econômico, familiar e escolar, uma vez que todos estes fatores podem vir a contribuir de maneira tanto positiva quanto negativa para a sua formação integral. Neste sentido, cabendo ao psicopedagogo, enquanto profissional especializado em aprendizagem, estar atento a estas informações (COELHO, 1999).

4 A AFETIVIDADE COMO DESENCANDEADORA DA SOCIALIZAÇÃO

Os pais costumam queixar-se de que a comunicação com o filho é artificial e concreta, situações em que ele usa a figura adulta para apontar ou levar até o objeto desejado, mesmo quando tem capacidade de se expressar verbalmente. Todas essas características causam estresses na dinâmica familiar, e ansiedade nos pais que desconhecem ou se sentem inseguros para desenvolver atividades de reeducação comportamental com o filho. Como consequência, as relações entre pai/filho podem ser geradoras de conflitos psicológicos que afetam por um lado, o quadro sintomatológico do autista e, por outro, o desenvolvimento saudável do ciclo de vida familiar. Assim, o apoio emocional dos pais, apesar das limitações cognitivas e comportamentais da criança, é extremamente necessário, pois elas se sentem protegidas, e os adultos ganham a sua confiança em troca, possibilitando assim a abertura para uma relação afetuosa e saudável para ambas as partes (POLITY, 2004).

Neste sentido, podemos afirmar, sim, que é possível desenvolver a afetividade do autista, uma vez que esta pode ser compreendida como “a capacidade que o ser humano tem de afetar e ser afetado pelo mundo interno e externo, por sensações agradáveis ou desagradáveis, sensações que correspondem aos estados de bem-estar e de mal-estar” (ONCALA, MORAES, 2011). Ao verificar os comportamentos estereotipados do autista, observa-se a expressão de seu domínio afetivo, na medida em que o sujeito com TEA responde aos estímulos de maneira peculiar e própria, provocando alterações nas estruturas das relações de seu entorno e mostrando novas perspectivas para lidar com a inclusão de sujeitos com TEA.

Nesse processo, é possível estimular a capacidade de o sujeito autista expressar seus diferentes tipos de emoções nas suas interações sociais e, assim, aproximá-lo dos seus pares na perspectiva de que seja estabelecido um vínculo duradouro e uma inclusão efetiva, a qual conduza os envolvidos a uma aprendizagem significativa.

5 MÉTODO

5.1 DELINEAMENTO

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa transversal, do tipo estudo de campo (survey), o qual procura compreender aspectos da problemática a ser investigada. A análise dos dados coletados foi sob uma abordagem qualitativa.

5.2 PARTICIPANTES

A pesquisa contou com a participação de 6 responsáveis de crianças autistas, com idades entre 28 e 40 anos, residentes na cidade de João Pessoa, estado da Paraíba. Já a idade das crianças foi entre 5 e 11 anos.

5.3 INSTRUMENTOS

Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado (APÊNDICE A), desenvolvido pela pesquisadora, contendo questões envolvendo conhecimentos e vivências dos pais com os filhos autistas no que se refere ao desenvolvimento afetivo. Além de um questionário sociodemográfico (APÊNDICE B) para caracterização da amostra.

5.4 PROCEDIMENTO

Foram feitas visitas às instituições e clínicas especializadas, a fim de encontrar pais ou responsáveis que se enquadrem no perfil da pesquisa. Após a concordância da instituição e dos responsáveis houve a aplicação dos instrumentos com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Resolução 466/12) previamente assinado. A entrevista foi gravada para melhor aproveitamento dos dados.

5.5 ANÁLISES DOS DADOS

Os dados foram analisados com a utilização do método da Análise de Conteúdo proposta por Bardin. A partir desta perspectiva, foi possível fazer uma análise minuciosa e categórica das falas dos participantes, possibilitando, assim, inferir sobre o nível de participação dos pais no desenvolvimento de competências socioafetivas da criança autista, bem como verificar a compreensão que eles têm sobre a afetividade na medida em que procuram desenvolver mecanismos para facilitar a interação com o filho.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos através do questionário sócio demográfico mostraram os seguintes dados: todos os 6 participantes foram do sexo feminino (100%), em que 70% eram casadas. Com relação ao grau de instrução, 60% possuem ensino médio completo, 10%

possuem graduação incompleta e 30% ensino médio incompleto. Os filhos das participantes são todos do sexo masculino, possuem idades entre 5 e 11 anos. Com relação ao grau do autismo foi observado que 30% das respostas obtidas apontaram para o comprometimento no nível leve, outros 30% disseram que o filho tem a síndrome no nível moderado e 40% dos participantes não souberam informar o grau de comprometimento do menor. Quanto à ordem de nascimento 50% das crianças autistas são da primeira gestação e os outros 50% são segundo filho do casal, já a escolaridade varia do Jardim II ao 5º ano do ensino fundamental.

Os resultados obtidos através do roteiro semiestruturado foram os seguintes:

Quadro 1: Respostas das perguntas realizadas através da entrevista

PERGUNTAS	RESPOSTAS DADAS
1) Diante de uma situação de crise na escola, qual é a sua reação diante de uma informação como essa? O que você sente vontade de fazer?	Quatro participantes responderam que vão diretamente à escola pra saber o que está acontecendo. Já as duas participantes restantes, disseram que procura saber diretamente com o filho o que está acontecendo.
2-Você costuma deixar seu filho sair com: tios, avós, coleguinhas?	Duas participantes responderam que dificilmente os filhos saem com os avós, outras duas disseram que só saem com os pais uma disse que deixa o filho sair com os tios e a outra disse que atualmente sim, deixa o filho sair com parentes e colegas.
3-Em que aspecto a afetividade interfere mais, ou melhor, no desenvolvimento de seu filho?	Quatro responderam que era no aspecto familiar e as duas restantes disseram ser no aspecto escolar.
4-O Senhor (a) desenvolve alguma estratégia de afetividade com seu filho? Quais são elas?	Quatro delas responderam que sim, que sempre tentam e as estratégias são abraçar, colocar no colo e dar carinho. Outra participante disse que seu filho não gosta muito de brincar e então só fica perto dele, a última disse que utiliza o condicionamento como estratégia.
5-Quais são os avanços e desafios encontrados na estimulação afetiva de seu filho?	Duas disseram que os avanços foram o carinho recebido como retorno. Outras duas relataram avanços na linguagem e na afetividade. Uma participante disse que o seu maior desafio é retirar o uso da fraude e a outra disse que com a estimulação afetiva seu filho, hoje, respeita os outros.

Fonte: Dados da Pesquisa

Quando foi perguntado se as participantes sentiam dificuldades de se relacionar com os filhos quatro responderam que sim e duas disseram que não. A falta de preparo por muitos dos profissionais e principalmente de um profissional especializado em identificar e acompanhar os estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem tem contribuído muito para o fracasso escolar, elevando os índices de evasão escolar, repetência, violência, com isso a maioria dos pais também se sentem incapazes e/ou com dificuldades para lidar com eles.

Diante dos resultados expostos, pode-se observar que a família das crianças autistas tem uma grande tendência a ser uma família com preocupações demasiadas e muita insegurança para lidar com todas as adaptações necessárias para essa criança. De acordo com Sproviori e Assumpção Jr. (2001), isso é muito normal e comum de acontecer, uma vez que nunca se está preparado para tal surpresa, pode causar estresse familiar, distanciamento no casal, insegurança com relação ao filho e outras questões emocionais envolvidas.

Há uma necessidade real de focar no indivíduo levando em consideração as suas limitações originais, bem como as impostas por falta de um acompanhamento educacional de qualidade que esteja voltado para a formação qualitativa e não apenas quantitativa, como vem acontecendo nas instituições escolas, em que o que está em evidencia não é o que o educando aprende, mas sim o que o educador deseja que ele aprenda, um professor afetuoso consegue desenvolver com um maior sucesso o seu aluno autista.

Percebe-se neste contexto que 80% dos responsáveis sentem a necessidade urgente de aproximação afetiva com seu filho, oferecendo assim o suporte necessário na garantia do seu bom desenvolvimento. Sproviori e Assumpção Jr. (2001) afirmam que a afetividade é extremamente importante para o autista, ela é responsável pela saúde emocional de toda a família que, agora, deve sempre buscar o melhor para o bem estar dela própria, concordando com os resultados alcançados na presente pesquisa, uma vez que houve relatos positivos com relação a isso.

Nestes avanços de estimulação afetiva, o psicólogo, o educador e a família tem um papel importante na construção de um novo paradigma educacional, o qual preze verdadeiramente pela inclusão, oferecendo oportunidades àqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem, os quais precisam ser vistos não mais como alunos problemas, mas sim como alguém que precisa ser orientado de maneira diferente do convencional, onde o educador tenha o apoio e as orientações necessárias a fim de conduzi-lo de forma coerente no seu processo de aprendizagem, tendo para tanto garantida a oportunidade de aprender, pois

todos são igualmente capazes. Assim, os objetivos da pesquisa foram alcançados diante de tudo o que foi exposto no decorrer da discussão.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão em si é uma temática de extrema importância, falar de educação inclusiva nos leva a abordar práticas sociais relacionadas não apenas ao modo como temos lidado com as diferenças, mas também o que a educação inclusiva seja enfim uma realidade, para estabelecer esse direito comum. Desse modo, os objetivos do trabalho foram devidamente alcançados, quando se foi percebido a importância da afetividade para a criança autista, e principalmente o reconhecimento disso por parte dos pais. Notou-se também que existe um grande empenho em relação aos pais para com os filhos, eles procuram se relacionar afetivamente mais e mais.

Este novo entendimento está claro na literatura produzida na área e também na legislação proposta nos últimos dez anos, pelo menos. No entanto, estas ações não se concretizam no cotidiano da vida de milhares de pessoas autistas. No contexto da inclusão educacional, muitas ações precisam ser realizadas. Não é suficiente colocar o autista na sala regular, quando as metodologias e os recursos não são implementados em favor deste. Dessa forma, os insucessos continuarão acontecendo e os autistas sendo penalizados pelos fracassos. Chega de esconder a realidade. Não é possível que ainda se queira justificar este insucesso por um desinteresse do estudante autista, como se ele fosse o único responsável por não conseguir passar nas avaliações.

O presente trabalho passou por várias limitações, uma delas foi a dificuldade em encontrar pais que quisessem contribuir com a pesquisa, foi observada muita insegurança por parte deles, além de que muitos dos participantes não queriam aceitar o convite proposto pela pesquisadora, só acabou concordando depois que a diretora da escola entrou em contato e conversou com eles.

A finalidade deste trabalho, portanto, foi apresentar os desafios que estão presentes nas instituições de ensino quando o tema é Autismo, mas destacando que esta não é uma realidade apenas local, mas que se faz presente na maior parte das instituições públicas de ensino deste país. Espera-se que o mesmo possa contribuir de maneira a orientar os psicopedagogos sobre as fragilidades e potencialidades presentes nestes espaços, garantindo um melhor desempenho do seu trabalho juntamente com os demais envolvidos no processo da aprendizagem.

UTISM AND AFFECTIVENESS: IMPLICATIONS OF FAMILY DYNAMICS IN THE DEVELOPMENT OF THE AUTISTIC CHILD

ABSTRACT

The present work refers to autism and affectivity: implications of family dynamics in the autistic child. The interest in developing a research on the subject in focus is justified by the fact that autism is a field of studies on the rise, and still needy of literatures that make possible different theoretical and practical-methodological contributions. The objective of this study was to analyze the socialization of the autistic based on the affectivity of the family dynamics. A field survey was carried out, with the participation of six people, the instrument used was a semi-structured interview script, as well as a socio-demographic questionnaire to characterize the sample. The results obtained were that the majority of the participants were insecure about the child, sought to create affective strategies to expand the mother and child relationship, it was observed that using affective strategies there were improvements in the language and social behavior of the child, corroborating with authors who Study the subject. The research has achieved its goals.

Keywords: Autism. Family dynamics. Affectivity.

REFERÊNCIAS

- ARMANI, Ananda Borgert; TRONCO, Cristina; WAGNER, Adriana. Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In: _____ . **Desafios psicossociais da família contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BRITO, Adriana Rocha; VASCONCELOS, Marcio Moacyr. Transtornos do espectro autista. In: MAIA, Heber (Org.). **Necessidades educativas especiais**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.
- DUMAS, Jean. **Psicopatologia da infância e da adolescência**. Tradução Fátima Murad. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DSM-5-American Psychiatry Association **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 5th. ed. Washington, 2013.
- FACION, José Raimundo. **Transtornos invasivos do desenvolvimento e transtornos de comportamento disruptivo**. Curitiba: IBPEX, 2005.
- FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- ONCALLA, Simone Alarcon; MORAES, Regiane Rodrigues de. A teoria psicogenética de Henri Wallon e suas contribuições para a psicopedagogia. In: BARONE, Leda Maria Codeço; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira; MARTINS, Lilian Cassia Bacich. **Psicopedagogia: teorias da aprendizagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **A criança autista: um estudo psicopedagógico**. 2^aEdição São Paulo. Wack.2014.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-10**. Disponível em: <www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.ht...>. Acesso em: 26 nov. 2015.
- OSÓRIO, L. C. **Casais e famílias: uma visão contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- POLITY, Elizabeth. **Psicopedagogia: um enfoque sistêmico**. São Paulo: Vetor, 2004.
- SPROVIORI, Maria Helena; ASSUMPCÃO JR. Francisco. **Dinâmica Familiar de Crianças Autistas**. Arquivo Neupsiquiatria, 2001.

APÊNDICE A

A - Roteiro de entrevista Semiestruturado

1 Diante de uma situação de crise na escola, qual é a sua reação diante de uma informação como essa? O que você sente vontade de fazer?

2 Você costuma deixar seu filho sair com: tios, avós, coleguinhas?

3 Em que aspecto a afetividade interfere mais, ou melhor, no desenvolvimento de seu filho?

() família

() escola

() coleguinhas

() desconhecidos

Por quê:

4 O senhor (a) desenvolve alguma estratégia de afetividade com seu filho? Quais são elas?

5 Você sente dificuldade em se relacionar com seu filho?

6 Quais são os avanços e desafios encontrados na estimulação afetiva de seu filho?

APÊNDICE B**Dados sócios- demográficos****Sobre VOCÊ:**

Sexo:_____ Idade:_____

Estado Civil:_____ Número de filhos:_____

Escolaridade:_____

Sobre seu FILHO/A

Sexo:_____ Idade:_____

Grau do Aspecto Autista:_____

Ordem de nascimento:_____ Escolaridade:_____

APÊNDICE C- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA



Prezado (a) colaborador (a),

A presente pesquisa objetiva conhecer a opinião de pais de crianças com o Transtorno do Espectro Autista, na faixa etária entre 5 a 11 anos a respeito de questões relacionadas ao comportamento afetivo desse grupo. Por favor, escute atentamente as perguntas para que possa respondê-las com a máxima sinceridade e liberdade. Também queremos lhe garantir o caráter anônimo e confidencial de todas as suas respostas, na perspectiva de que sua participação é voluntária e, deste modo, o(a) senhor(a) poderá desistir em qualquer etapa da pesquisa sem nenhum tipo de prejuízo. É importante destacar que a necessidade da gravação em áudio se dá pelo caráter do estudo que dá abertura para o entrevistado expor abertamente suas opiniões acerca do tema.

Sua participação servirá de base para esclarecimentos sobre o objeto da pesquisa, bem como para contribuir com a construção de conhecimentos que serão utilizados não só na prática psicopedagógica, mas pela sociedade em geral. Então, antes de prosseguir, e de acordo com o disposto nas resoluções 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, faz-se necessário documentar seu consentimento.

Por fim, nos colocamos a sua inteira disposição para esclarecer qualquer dúvida de que necessite (*eduardapereira_jp@hotmail.com*).

Desde já, agradecemos sua colaboração.

Termo de Consentimento

Assinando este termo estou concordando em participar do estudo acima mencionado, bem como autorizando a gravação das minhas respostas às quais ficarão guardadas sob sigilo pelo pesquisador, orientado pela **Prof.^a Ms. Márcia Paiva de Oliveira**, estando ciente de que os dados fornecidos poderão ser utilizados para fins científico-acadêmicos.

João Pessoa, _____ de _____ de _____

Assinatura do participante

APÊNDICE D - CARTA DE APRESENTAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

**CARTA DE APRESENTAÇÃO**

À Direção da Associação Paraibana de Autismo– APA, (modelo)

Sr (Sr^a) Diretor (a),

Apresentamos a aluna **Eduarda Pereira do Nascimento** regularmente matriculada (nº 11226366) no curso de Bacharelado em Psicopedagogia, para desenvolver uma atividade de pesquisa com pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista, na faixa etária entre 5 a 11 anos. O objetivo do trabalho é conhecer a opinião destes responsáveis a respeito de questões relacionadas ao comportamento afetivo de seus filhos autistas. Certos de contar com a vossa colaboração, desde já agradecemos.

Atenciosamente,

Prof.^a Ms. Márcia Paiva de Oliveira